

Discipulado

O primeiro dever do discípulo é estar disponível para o seu mestre. O segundo, que deriva deste, é estar disponível para a obra. O terceiro, que será a consequência de ambos, é estar disponível para os seus irmãos.

Alguns discípulos estão disponíveis para o mestre, mas totalmente indisponíveis para a obra, por consequência para humanidade. Este tipo de discipulado baseia-se numa adesão emocional àquilo que idealmente se considera ser a figura do mestre: paternalista, protector, continuação da figura do “pai” tal qual a sociedade nos habituou. Escusado dizer que este tipo de discipulado pouco valor tem.

O discipulado é uma forma de adesão consciente à auto-transformação. Dirão que desde que nascemos fazemos auto-transformação: o que é verdade. Mas fazemo-la contra a nossa vontade, fazemo-la porque as leis do destino agem sobre a matéria e criam condições que esta não pode contornar.

No discipulado nada pode acontecer por acaso, tudo tem de acontecer por escolha. Esta escolha faz a diferença e determina a transformação final.

Discípulos há que tem dificuldade em perceber o que é servir o mestre: a esses basta-lhes servir a humanidade.

Há outros que não entendem o que é a obra e por isso fantasiam. A obra é tudo que conduz do esboço à estátua acabada, do destino pressentido ao destino assumido, do desejo à sua consumação. Sendo ainda todo o acto feito em prol da humanidade.

Servir a obra é servir o projecto divino em qualquer uma das suas vertentes: humana, social, política, científica, artística, mística. Claro que para servir é preciso estar disponível, e para estar disponível é preciso estar livre, e para estar livre é preciso colocar o interesse colectivo acima do interesse pessoal, a vida alheia acima da própria.

Há discípulos que aparentemente fazem tudo isto e no entanto não estão servindo a obra: estão-se servindo dela para auto-engaño. A diferença entre o enaltecimento do ego e o seu despojamento é subtil.

Alguns discípulos falham tentando servir o mestre e realizar a obra: projectando-se no que fazem, colocando os seus ideais acima do bem colectivo, apropriam-se perdendo toda a perspectiva.

Realidade e fantasia misturam-se na percepção. É por isso difícil perceber o que é projecção pessoal ou interesse colectivo. Virtualmente nenhum

discípulo estará isento de responsabilidades nesta matéria e o mais provável é que em toda a acção em prol dos outros exista uma parte egocêntrica.

Entretanto, se é verdade que o ego está presente mesmo na maior dádiva, ele pode ser desmascarado por aquele que escolheu servir a obra. Sendo aqui que o discipulado, com todas as suas regras e sacrifícios, terá razão de ser.

Poucos Irmãos terão o hábito da retrospecção noturna: e no entanto ele é fundamental para desmascarar o ego. Sem recordação e análise dos actos, tudo se transforma numa vertigem e num agir cego.

Do mesmo modo, poucos Irmãos estarão servindo através da entrega das suas vidas a algo ou alguém que lhes seja indiferente: já que servir aqueles que amamos pouco acrescenta.

Servir não é buscar auto-satisfação: é contrariá-la. Servir aqueles de quem gostamos não implica sacrifício e portanto nada acrescenta ao que somos. Se só servirmos a família, os amigos, os conhecidos - falhamos redondamente. Quem serve não escolhe: entrega-se. Escolher a quem servimos é violar o princípio do próprio serviço e é transformá-lo num processo egoísta.

Na vida do discípulo o mestre coloca os tropeços e as dificuldades que mais rapidamente o farão ganhar as asas da consciência. E por isso todos estamos sofrendo de algum modo. Doença, falta de dinheiro, falta de amor, aprisionamento: não importa - é sempre o mesmo. É prova e é libertação, mas só aceitando, integrando, compreendendo.

De muitas maneiras somos testados nas nossas fragilidades e pouco a pouco erguidos até níveis que não supúnhamos possíveis: em tudo isto a obra cresce. Ora é sempre contra nós que ela cresce. Não é servindo egoísmos, ou posses, ou aprisionamentos: é destruindo-os.

Estamos subindo uma montanha muito íngreme. Necessariamente é preciso ir libertando pesos e amarras, ou não chegaremos ao cimo. Nesta matéria, como em tudo que é importante na vida, é preciso escolher.

*João Crisóstomo
Amarna, Primavera de 2003*